

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CERRO LARGO

LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL

CAROLINA DE LIMA ANDRIGHETTI

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM SONHOS & DESVARIOS, DE FÁTIMA
BETTENCOURT**

CERRO LARGO

2023

CAROLINA DE LIMA ANDRIGHETTI

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM SONHOS & DESVARIOS, DE FÁTIMA
BETTENCOURT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras – Português e Espanhol, da
Universidade Federal da Fronteira Sul, como
requisito para obtenção do título de Licenciatura
em Letras – Português e Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

CERRO LARGO

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Andrighetti, Carolina de Lima

Representações femininas em Sonhos & Desvarios, de Fátima Bettencourt / Carolina de Lima Andrighetti. -- 2023.

30 f.

Orientador: Doutor Demétrio Alves Paz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro Largo,RS, 2023.

1. Personagens femininas, Literatura cabo-verdiana, Contos, Autoria feminina, Fátima Bettencourt.. I. Paz, Demétrio Alves, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Carolina de Lima Andrighetti

“Representações femininas em Sonhos & Desvarios, de Fátima Bettencourt”.

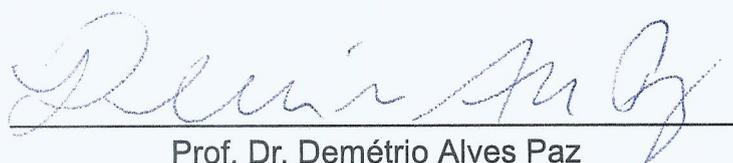
Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade da Fronteira Sul.

Orientador: Demétrio Alves Paz

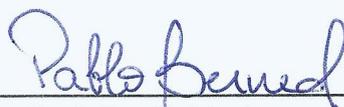
Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em:

05/07/23

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz
UFFS - CERRO LARGO
(Presidente/Orientador)



Prof. Dr. Pablo Lemos Berned
UFFS - CERRO LARGO
Banca



Prof^a. Dr. Norma Sueli Rosa Lima
UERJ - RIO DE JANEIRO
Banca

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) possui como objetivo analisar as distintas personagens femininas e as suas representações nos contos “*Astronauta*”, “*O funeral*”, “*Em trânsito*” e “*Casa de câmbio*”, pertencentes à obra *Sonhos & Desvarios* da autora cabo-verdiana Fátima Bettencourt, publicada no ano de 2019. Nos contos, observamos a busca pela representação da mulher em todas as suas facetas, de modo que as quatro narrativas possuem similaridades em suas histórias. Nelas, essas figuras estão em diferentes partes do mundo, retratando os vários problemas sociais que a mesma está submetida a vivenciar. Também possuem diferentes idades e condições, os contos estão em primeira pessoa, por isso conseguem aproximar o leitor da narrativa, fazendo com que sinta os sentimentos e pensamentos das personagens. Na obra, percebe-se que a situação dessas mulheres reflete muito a história do país e, conseqüentemente, de uma sociedade patriarcal. Para que a pesquisa fosse realizada utilizamos as obras de Simone Caputo Gomes (2006; 2010), Grada Kilomba (2019), António Correia e Silva (1995), Maria Aparecida Santilli (2017), Bell Hooks (2019), entre outros. Um dos propósitos da escrita de Fátima Bettencourt é contar histórias de mulheres de todas as faixas etárias e condições sociais.

Palavras chave: Personagens femininas, Literatura cabo-verdiana, Contos, Autoria feminina, Fátima Bettencourt.

RESUMEN

El presente Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) posee como objetivo analizar las distintas personajes femeninas y sus representaciones en los cuentos "Astronauta", "El funeral", "En tránsito" y "Casa de cambio", pertenecientes a la obra Sueños & Desvarios de la autora cabo-verdiana Fátima Bettencourt, publicada en el año 2019. En los cuentos, observamos la búsqueda de la representación de la mujer en todas sus facetas, de modo que las cuatro narrativas poseen similitudes en sus historias. En ellas, estas figuras están en diferentes partes del mundo, retratando los diversos problemas sociales que la misma está sometida a vivenciar. También tienen diferentes edades y condiciones, los cuentos están en primera persona, por lo que logran acercar al lector a la narrativa, haciendo que sienta los sentimientos y pensamientos de los personajes. En la obra, se percibe que la situación de esas mujeres refleja mucho la historia del país y, consecuentemente, de una sociedad patriarcal. Para que la investigación fuera realizada utilizamos las obras de Simone Caputo Gomes (2006; 2010), Grada Kilomba (2019), António Correia e Silva (1995), Maria Aparecida Santilli (2017), Bell Hooks (2019), entre otros. Uno de los propósitos de la escritura de Fátima Bettencourt es contar historias de mujeres de todas las edades y condiciones sociales.

Palabras clave: Personajes femeninos, Literatura caboverdiana, Cuentos, Autoría femenina, Fátima Bettencourt.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A HISTÓRIA DE CABO VERDE.....	12
3. O ESPAÇO DA ESCRITA FEMININA EM CABO VERDE	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6. REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa “O conto de autoria feminina nas literaturas africanas de língua portuguesa no pós-independência”, desenvolvido na Universidade Federal da Fronteira Sul campus Cerro Largo estuda escritoras de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Para ilustrar a condição da escrita de autoria feminina em África, usamos como exemplo a escritora moçambicana Tatiana Pinto, que foi convidada a participar da coleção de livros Contos de Moçambique, composta por dez volumes e elaborada com a colaboração entre a Escola Portuguesa de Moçambique e a Fundació Contes pel Món de Barcelona, Espanha. Destes dez livros, ela foi a única mulher convidada a recriar histórias de tradição oral de Moçambique. Dessa forma, se pode perceber como o número de autoras é ínfimo se comparado ao dos homens. hooks (2019, p. 291) afirma:

Eu suponho que existam cotas de publicação determinando o número de mulheres negras que irão publicar livros de ficção anualmente. Tais cotas não são conscientemente negociadas e decididas, mas são resultado de racismo institucionalizado, machismo e classismo. Esses sistemas de dominação operam de tal modo a garantir que somente poucos livros de mulheres negras sejam publicados num determinado período. Isso tem muitas implicações negativas para as escritoras negras, para aquelas que são publicadas e as que ainda estão para ser publicadas. Escritoras negras publicadas, mesmo aquelas que são famosas, estão bem cientes de que seus sucessos não garantem que seus livros estejam nas prateleiras das livrarias daqui alguns anos.

Com o exemplo anterior, percebemos que não só há dificuldade em ter visibilidade dentro do meio literário, mas também em conseguir editoras para a publicação de livros escritos por mulheres africanas. É possível compreender como esse impasse resulta em uma grande perda cultural, pois muitos textos não são publicados. Lima (2021, p. 301) afirma que

No ambiente da literatura produzida por mulheres em contextos pós-coloniais, entendo com outras pensadoras que o ato de elas tomarem para si a palavra é o reverso de terem sido, durante muito tempo, apenas as que foram escritas, para recuperar a feliz expressão de Lúcia Castello Branco e Ruth Salviano Brandão (1989), quando as retrataram, no final da década de 1980, como “passageiras da voz alheia”. Tornaram-se, essas pioneiras escritoras, as atuais recriadoras do verbo e da consciência crítica, cujas escritas, que nasceram do vazio forçado, foram desenhando os próprios contornos.

A escrita feminina em Cabo-Verde sempre encontrou limitações tanto pelo número ínfimo de periódicos quanto pelo de editoras que realizavam publicações de textos literários. Em *Travessias Imaginárias*, no capítulo intitulado “A escrita ficcional cabo-verdiana contemporânea”, Manuel Brito Semedo (2020, p. 250-251) informa que:

No contexto das ilhas, as mulheres deram-se a conhecer como escritoras muito tardiamente, nunca antes dos 50 anos de idade - depois da vida familiar estabilizada, os filhos criados e a vida profissional organizada, tiraram tempo para escrita, que é como um tempo para si próprias. Essas mulheres começaram por se revelar nos contos cuja as personagens são essencialmente femininas e constituem retratos da vida da mulher cabo-verdiana no seu cotidiano enquanto mulheres-sós, nas ilhas e na terra-longe.

No presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) damos continuidade a estes estudos, com o intuito de mostrar que a produção literária feminina é não só importante como também necessária, visto que ressalta o espaço das mulheres em Cabo Verde. O objetivo principal é analisar, no livro *Sonhos & Desvarios* (2019) da escritora cabo-verdiana Fátima Bettencourt, os perfis femininos e os problemas sociais vivenciados pelas personagens. Para a análise, foram selecionados quatro contos: “*Astronauta*”, “*O funeral*”, “*Em trânsito*” e “*A casa de câmbio*”.

Fátima Bettencourt nasceu na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, é contista e cronista, estudou em Mindelo no Liceu Gil Eanes e posteriormente em Lisboa, assim como sócia fundadora da Academia Cabo-verdiana de Letras. Com isso, podemos perceber a importância de suas contribuições para a literatura cabo-verdiana. Seu primeiro livro *Semear em Pó* foi publicado no ano de 1994, ainda muito tardio em relação a publicação de livros de autoria masculina. Logo, podemos concluir que a autora possivelmente escrevia anteriormente, mas levou muito tempo para que sua obra fosse publicada. A sua obra em prosa divide-se em Contos com as obras: *Semear em Pó* (1994), *Mar, caminho adubado de esperança* (2001) e *Sonhos & Desvarios* (2019); crônicas: *Um certo olhar* (2001) e *Lugar de suor, pão e alegria* (2008); e infanto-juvenil: *A cruz de Rufino* (1996) e *O sapatinho mágico* (2020).

Fátima Bettencourt apresenta em seus livros situações cotidianas vividas em Cabo Verde, tais como a vivência das mulheres nas ilhas e aspectos culturais. A autora utiliza, na maioria das vezes, figuras femininas como protagonistas de suas histórias, a fim de exaltá-las. Alguns temas comuns são a discriminação social, a

pobreza e o racismo. Da mesma maneira crítica que são tratados os assuntos anteriormente elencados, percebemos outros pontos como a solidariedade entre as mulheres, pois dentro de cada narrativa há uma procura ajudar a outra, seja através de conselhos, simples palavras ou até mesmo atitudes. Também a busca pela liberdade, assim como uma reflexão sobre qual o papel delas na sociedade cabo-verdiana.

Ao contrário das obras anteriores, em que Cabo Verde aparecia como espaço, *Sonhos e Desvarios* apresenta uma nova perspectiva espacial, visto que as histórias nela encontradas retratam vivências de diferentes perfis femininos que estão em diversos lugares no mundo. Grande parte das histórias é narrada em primeira pessoa, o que faz com que o leitor tenha percepção sobre os fatos que estão sendo contados e que se sinta cúmplice da narradora. Por meio da análise dos quatro contos, busca-se reconhecer a representação da mulher enquanto protagonista na obra de Fátima Bettencourt. As personagens presentes nestas narrativas nos apresentam temas como a falta de oportunidade, o racismo, entre outros, trazidos de forma irônica.

De certa forma, *Sonhos e Desvarios* é uma obra mais cosmopolita, tendo em vista o ambiente de algumas histórias. Diferentemente de seu primeiro livro, *Semear em Pó* (1994), em que as narrativas têm como espaço o interior de Cabo Verde, a obra mais recente se passa em diversos lugares do mundo. Uma das temáticas da obra permanece a mesma: a mulher como protagonista da história. Nos quatro contos escolhidos para serem analisados podemos perceber diferentes mulheres que passaram por diversas situações.

No capítulo dois, trataremos de refletir sobre a história do arquipélago e qual o contexto em que essas personagens estão inseridas, pois grande parte do que é desenvolvido dentro das obras de escritores de Cabo Verde tem relação com o país.

No terceiro capítulo, é realizada uma análise sobre a escrita feminina no país, de modo que trataremos de outras escritoras dos PALOP para comparar as histórias e interpretar os pontos em comum. Alguns desses nomes além de Fátima Bettencourt são Dina Salústio e Vera Duarte, ambas de Cabo Verde, e Olinda Beja, que, apesar de ser de São Tomé e Príncipe, apresenta uma certa relação com os temas já levantados pelas demais escritoras. Para hooks (2019, p. 33),

Foi nesse mundo de falas de mulheres, de conversas barulhentas, palavras irritadas, mulheres com a língua rápida e afiadas, línguas doces e macias, tocando o nosso mundo com suas palavras, que eu fiz da fala meu direito

inato [...] Escrever foi uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto. E então eu escrevia os pedacinhos de conversas, fazendo confissões a diários baratos que logo caíam aos pedaços de tanto serem manuseados, expressando a intensidade da minha tristeza, a angústia da fala - por estar sempre dizendo a coisa errada, fazendo as perguntas erradas.

Na parte final do trabalho, analisamos quatro contos da obra *Sonhos & Desvarios* (2019) e exploramos os principais temas sociais desenvolvidos, percebendo as diferentes representações das figuras femininas em busca da compreensão do seu papel na sociedade cabo-verdiana. A análise baseia-se na leitura de obras críticas de especialistas, tais como Simone Caputo Gomes (2006; 2010), Grada Kilomba (2019), António Correia e Silva (1995), Maria Aparecida Santilli (2017) e Bell Hooks (2019). Além dessas teóricas, pesquisamos artigos em revistas acadêmicas, procurando conhecer mais a autora, a fim de adquirir conhecimento acerca de sua fortuna crítica, pois ela ainda é pequena em nosso país.

Esperamos com este trabalho alcançar maior divulgação acerca da literatura cabo-verdiana e da escritora aqui destacada, pois ainda possui pouca visibilidade no Brasil e merece este espaço no âmbito acadêmico.

2. A HISTÓRIA DE CABO VERDE

Em um primeiro momento, é necessário que se compreenda como Cabo Verde foi descoberto e fundado para que haja relação com o que será abordado em seguida. Aproximadamente no século XV os portugueses alcançaram o arquipélago de Cabo Verde e dois anos depois a povoação da ilha iniciou. No livro História Geral de Cabo Verde, António Correia e Silva (1995, p.1) afirma:

São as relações econômicas, sociais, demográficas e políticas com os outros espaços, alguns deles geograficamente distantes, uma preciosa fonte de explicação do percurso histórico cabo-verdiano. Não tendo riquezas naturais abundantes e significativas, o maior trunfo deste pequeno arquipélago foi sua capacidade em desempenhar um papel activo nas redes de troca e de circulação entre diferentes espaços, climas e civilizações.

Assim, compreende-se que o país tinha uma posição altamente estratégica, tornou-se um centro comercial no tráfico de escravos e somente com o passar do tempo houve maior concentração de homens, animais e plantas no local. Silva (1995, p.2) ainda expõe que:

Os arquipélagos, nomeadamente o de Cabo Verde, são esses peões históricos, cujo valor depende sempre das configurações prevaletentes sobre um amplo espaço envolvente, com qual, directa ou indirectamente, interactua. No caso concreto fazem parte do tabuleiro os Rios de Guiné, Portugal, as ilhas atlânticas, Castela, posteriormente as suas Índias, França, Inglaterra, Holanda, Brasil, etc. Um imenso espaço envolvendo três continentes. A sua dimensão torná-lo-ia praticamente inabordável, se ele não constituísse, para nós, um espaço centrado, hierarquizado e escalonado.

Com os acordos comerciais estabelecidos, a Coroa passou a receber impostos de cada embarcação que passava pela costa africana. Além disso, havia a troca de produtos que eram produzidos na Europa por escravos. Dessa forma, o arquipélago cresceu com as vendas de escravos e pedras preciosas, fazendo a troca por itens europeus como tecidos, rum e armas de fogo. Silva (1995, p. 18) destaca que:

O abastecimento dos mercados da América Espanhola com escravos africanos era o principal móbil comercial dos moradores de Santiago. Desde as primeiras décadas do século XVI que as índias de Castela se haviam revelado um insaciável sorvedouro de mão-de-obra escrava. Primeiro para a ilha de Santo Domingo, e em seguida para outros portos na “terra firme” saíam de Santiago, anualmente, um número considerável de escravos originários dos Rios de Guiné. Os africanos eram um elemento fundamental para a exploração agrícola e mineira das terras da América Central.

No século XVII, outros países europeus passaram a ter conhecimento do grande desenvolvimento que o arquipélago teve. Por esse motivo, França, Holanda e Inglaterra expulsam os portugueses e passam a ter grande reconhecimento no comércio mundial. Após a mudança de poder, questões como a má administração do país e a corrupção o levaram à miséria, à seca e à fome. Isso fez com que a imigração de Cabo Verde aumentasse muito também. Silva (1995, p.10) expõe que:

Tanto os franceses como os ingleses dirigem as suas acções de guerra, contra não apenas as armações portuguesas na costa da Guiné, como também as próprias ilhas de Cabo Verde. Porém, não se vislumbra nestes actos o objectivo de ocupação territorial. O que pretendem, com os sucessivos assaltos aos portos e por vezes mesmo ao interior das ilhas, como fizera Francis Drake, é a neutralização do arquipélago enquanto base de penetração comercial e de controlo militar sobre os Rios de Guiné. [...] A economia é a primeira a ressentir-se.

No século XIX, a abolição da escravatura foi acordada e Cabo Verde entrou em decadência, pois as pessoas passaram a sobreviver através da subsistência, ou seja, plantavam apenas para se alimentarem. Além disso, a má administração do país resultou em muitas mudanças estruturais. No ano de 1911, as primeiras eleições partidárias foram realizadas e foi instituída a democracia parlamentar. Atualmente o país possui estabilidade, porque possui crédito com os demais governos, empresas e instituições financeiras de diversos países.

Segundo os dados do site do Governo de Cabo Verde, somente em 1956 Amílcar Cabral fundou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). O partido tinha como intuito lutar contra o colonialismo e alcançar a independência. Em 1961 iniciou-se a Guerra Colonialista, Angola, Guiné e Moçambique lutaram pela independência de seus países fortemente. Em 1974, um acordo foi assinado entre o PAIGC e Portugal para que se pudesse instaurar um governo, um ano depois tiveram a oportunidade de terem eleições em uma Assembleia Nacional Popular, onde puderam proclamar a independência depois de tantos anos de repressão.

A história de Cabo Verde foi construída por uma sociedade composta em maioria por mulheres, tal como afirma Gomes (2008, p. 161)

Em Cabo Verde, ex-colônia portuguesa e nação independente desde 1975, quase 60% da população é feminina. A emigração, fenômeno que tem

afetado preponderantemente a população masculina, em muito contribui como determinante deste percentual. [...]

Dessa forma, compreende-se que a mulher se tornou chefe de família e conseguiu conquistar seu espaço depois que uma parte significativa da população masculina passou a emigrar em busca de trabalho ou melhores condições de vida em outros países. Igualmente, fazem parte deste número, as mulheres que foram abandonadas e vivem sozinhas com seus filhos.

A importância da mulher na sociedade cabo-verdiana pode ser vista para além da atribuição de manter a cultura do país viva, de buscar a subsistência e educar seus filhos, pois também tiveram papel nas lutas de libertação e emancipação do país. Outro fator primordial era a educação. Simone Caputo Gomes (2008, p. 161) destaca que:

A importância das mulheres na sociedade crioula como transmissoras de cultura é o primeiro ponto que devemos examinar. São elas que se ocupam da educação das crianças na época de aquisição da linguagem e da Língua; através delas se dá a transmissão de uma série de práticas e comportamentos: as tradições da comunidade, os costumes, a religião, as crenças, a culinária, a música, etc.

Visto que as mulheres eram maioria dentro do país, isso ajudou a moldar a cultura local. Grande parte da sociedade foi organizada por mulheres, pois tiveram de ocupar muitos lugares antes destinados aos homens, participando economicamente através da agricultura, sendo responsáveis pelo plantio, colheita e outros trabalhos pesados. Ao mesmo tempo, elas conservaram a cultura do país por meio de práticas como contar histórias da tradição oral, cantar as mornas, manter os costumes religiosos e o artesanato.

Segundo Gomes (2008), essa contribuição à sociedade cabo-verdiana foi um dos motivos para que grande parte das mulheres donas de casa se tornassem iletradas. A escritora também afirma que “A maternidade precoce, a alta taxa de aborto clandestino, o alcoolismo e a prostituição, aliados ao analfabetismo, são entraves significativos a emancipação feminina nesse contexto”. (GOMES, 2008, p. 163). Apesar de todos os contributos, a mulher foi e ainda continua sendo muito inferiorizada, o que também fez com que os problemas expostos aumentassem.

Após a independência, devido ao fato de a mulher não estar sendo valorizada, em 1981 é fundada a Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV), “uma associação destinada à luta pela emancipação da mulher, através do aprimoramento

das práticas que a colocam como centro gerador da cultura crioula” (GOMES, 2008, p. 163). Esta organização foi responsável por dar mais espaço às figuras femininas do país e lutar conjuntamente pela emancipação que desejavam dentro da sociedade. Estas mudanças fizeram com que as mulheres tivessem maior visibilidade e conquistassem melhores condições de vida. Simone Caputo Gomes (2010, p. 93) afirma:

O investimento na promoção da condição feminina tem efeitos multiplicadores que se estendem da família à nação. Hoje, Cabo Verde totaliza grande número de mulheres dentre seus ministros de Estado, dado que, por si, já documenta a importância daquele investimento nestes 35 anos de independência.

Desse modo, constata-se que as mudanças a longo prazo em parte foram notadas, pois as mulheres passaram a assumir cargos melhores e de maior prestígio social. Um exemplo disso é Vera Duarte, que é juíza, desembargadora, escritora e assumiu diversos papéis em diferentes associações como por exemplo a presidência da OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde). Além dela, muitas outras escritoras conseguiram adentrar nesses espaços e fazer parte do desenvolvimento do país. Com maior visibilidade, ocorreu também o aumento do número de publicações, abrindo espaço para que outras mulheres pudessem editar suas obras.

Um ponto importante a ser destacado é que algumas dessas mulheres precisaram sair do país em busca de um futuro melhor por meio dos estudos. Por terem conseguido se graduar, isso permitiu que elas conquistassem os espaços em que hoje estão. Desse modo, passaram a desempenhar importantes papéis em setores como educação, segurança, saúde e, principalmente, cultura. Além disso, elas lutaram pela garantia e ampliação dos direitos das mulheres.

3. O ESPAÇO DA ESCRITA FEMININA EM CABO VERDE

Ao falar de números, notamos que a mulher sempre ocupou um grande espaço na sociedade cabo-verdiana, porém a representatividade foi conquistada lentamente. Uma das contribuições culturais da literatura aparece na figura feminina como uma forma de perpetuar suas vivências, como uma oportunidade de ter voz e de mostrar ao mundo o que é viver em Cabo Verde, assim como apresentar seus hábitos culturais, sua língua e diversos outros temas cujas escritoras ressaltam em suas narrativas e poemas.

Simone Caputo Gomes (2010, p. 97) afirma que Manuel Ferreira cita Antónia Gertrudes Pusich (S. Nicolau, 1805-1883) como uma das primeiras escritoras a publicar. As escritoras podem ser vistas como transmissoras culturais, pois os textos literários colocam a mulher como protagonista em seus textos, com o objetivo de documentar a sua participação histórica na sociedade e no desenvolvimento do país.

Além de Fátima Bettencourt, que é foco deste trabalho, muitas outras escritoras cabo-verdianas utilizaram a literatura como meio de expressão. A respeito de *Mornas eram as noites* (1994), de Dina Salústio, Simone Caputo Gomes (2012, p.265) percebe “Um novo olhar, agudamente crítico, sobre a sociedade cabo-verdiana e uma nova dicção literária resumem a coletânea de contos de Dina Salústio, *Mornas eram as noites* (1994) [...]”. Nas trinta e cinco narrativas encontradas em sua obra, se percebe os diversos temas que a autora trata, como a condição feminina, as relações familiares, a pobreza, a fome, a partida, o regresso, entre outros (PAZ, 2016). Ao tratar de temas relacionados ao seu país de origem, Dina Salústio nos mostra qual o seu real intuito ao utilizar a escrita literária.

O conto *Liberdade adiada*, por exemplo, narra o sofrimento da personagem que se encontra extremamente cansada, carrega um jarro de água e pensa nas inúmeras dificuldades que enfrenta em seu dia a dia. Ao se deparar com um barranco, ela idealiza seu sonho de liberdade, mas, ao mesmo tempo, lembra dos filhos e pensa que eles a esperam e que precisam dela, por isso a liberdade precisa ser adiada e seu sofrimento prolonga-se.

Dina Salústio escreve de forma que o leitor sinta o sofrimento das personagens, a irritabilidade, a tristeza e os demais sentimentos que surgem quando o tema é a mulher. É possível identificar-se com as histórias, sentir-se parte delas,

tomar a luta para si própria através dessa comoção que os textos geram e pensar como é ser mulher em uma sociedade patriarcal. Ao analisar a mais recente obra de contos da autora, *Filhos de Deus* (2018), Paz (2019, p.145) ressalta que:

Nas histórias há mulheres que foram abandonadas pelos maridos e filhos que cresceram sem o pai; narrativas de violência doméstica em que largar tudo e ser independente parece ser a única solução; contos em que aparecem as diferenças sociais entre homens e mulheres: falta de escolaridade, subempregos, liberdade sexual. Nos contos ocorre uma grande síntese da sociedade cabo-verdiana, pois aparecem mulheres dos diferentes estratos sociais. E, em todos eles, as mulheres são fortes e quebram as amarras da sociedade patriarcal.

A escritora Vera Duarte, apresenta em seu livro *Desassossegos & Acalantos* (2021) uma nova forma de escrita através dos microcontos. O livro, que foi escrito durante a pandemia de COVID-19, apresenta diversos eixos temáticos entre as cinquenta e quatro narrativas desenvolvidas pela escritora. Entre eles podemos citar a tragicidade vivida durante a pandemia, os sentimentos de viver em isolamento social, o descontentamento com a morte e também uma reflexão sobre os diversos problemas sociais de Cabo Verde.

Em “*Mula*” há uma mulher que está embarcando em Fortaleza levando drogas no corpo, porque esse trabalho lhe renderia dinheiro suficiente para ter uma vida boa no interior da ilha. Durante o trajeto, a mulher configura a necessidade existente para que ela tenha tomado uma atitude tão drástica para obter o dinheiro do qual precisava. Como leitores, torcemos para que a personagem conclua o trabalho e consiga ter a vida que tanto almejava, isso porque, como mulheres, absorvemos as dificuldades que ela enfrenta, mesmo que isso esteja entrelinhas. Infelizmente, uma denúncia foi realizada e ela foi revistada. Por este motivo, os seus quatro filhos ficaram ainda mais desamparados, pois agora estão sem pai e mãe, já que a personagem é presa.

Nota-se que, mesmo com tamanho reduzido, os microcontos são carregados de significados. Carvalho (2016, p. 43) nos elucida que:

Quando avaliamos um microconto, com qualquer tamanho, procuramos personagens, conflito, narratividade, humor, dramaticidade ou pelo menos um final enigmático, tudo de forma muito concisa. Tais características, não necessariamente estão escritas, mas sugeridas. Entre o escrito e o sugerido, nasce o microconto de impacto. Não que obrigatoriamente um microconto com até cento e cinquenta caracteres será melhor do que um de meia página. A maestria está na relação entre o menor número de palavras e o maior número de significados sugeridos.

Carvalho (2016) nos auxilia a assimilarmos como a escrita de Vera Duarte é profunda e repleta de diversas lacunas que os leitores têm de refletir sobre os personagens e suas vivências.

Fátima Bettencourt, em *Semear em pó* (1994), apresenta uma perspectiva também diferente das demais escritoras. Enquanto Dina Salústio traz narrativas que retratam o universo adulto e citadino, Fátima aborda o universo infantil e apresenta elementos da cultura cabo-verdiana do interior. Na obra, compreendemos como era viver em Cabo Verde, quais são as comidas típicas do país, quais são os costumes do povo e através das descrições podemos viajar em um mundo de imaginações de como eram os lugares, as casas e as pessoas.

Em *Semear em pó* encontramos o conto intitulado “*Secreto Compasso*” em que a narradora conta um momento de sua vida: o período em que uma empregada trabalhou para sua família. Sua mãe era ocupada e muito exigente, não tendo paciência para empregadas domésticas, sempre algo a desagradava nelas. Contudo, deixou-se render por Augusta que fora tão bem recomendada por uma comadre fornecedora de hortaliças e porque foi bem acolhida pelas crianças da casa.

Apesar de estar sempre cantando, nunca deixou de realizar as tarefas da casa com zelo. Certo dia, Augusta não aparece para trabalhar e manda um recado avisando que não estava bem por conta da gravidez. Depois de alguns meses, ela retorna com a criança em seus braços. Agora, magra e sofrida, Augusta não irradiava mais aquela alegria de antes. Outra vez, as crianças insistiram para que a mãe a acolhesse novamente e ela aceitou, após algum tempo, Augusta parecia ter retomado o juízo e o gosto pela vida:

Com o passar dos dias a moça foi recuperando a alegria natural tentando esquecer o sumiço do “pai-de-filho” que nem um nome dera ao anjinho de Cristo. Começou a andar mais ligeira, a brincar com o filho e com todos e um dia começou também timidamente, a resmungar a primeira cantiga (BETTENCOURT, 1994, p. 35).

Contudo, a mãe temeu ao ouvir a jovem voltar a cantarolar cantigas que considerava obscenas, e estava certa, pois Augusta some novamente. Quando a família a reencontra, já está no estágio final de tuberculose e descobrem o que se passou: um homem a levou para Santo Antão, onde passou a trabalhar na estrada e contraiu a doença. Igualmente, descobriram que ela teve outro filho e que ele morreu nos tempos em que ela estava trabalhando. O conto apresenta duas mulheres que

tiveram vidas extremamente diferentes: a mãe da narradora é chefe de família, forte e exigente, enquanto Augusta era jovem e imatura.

Outra escritora conhecida é Olinda Beja, originária da ilha de São Tomé e Príncipe. Apesar de ela ser de um país diferente, seu livro *Histórias da Gravata* (2011) apresenta a exploração feminina, a repressão e o abuso como alguns temas. Na obra, encontramos o conto “*Filôzinha e a canção do mar*”, no qual percebemos aspectos culturais também abordados por Fátima Bettencourt. Filôzinha é de uma família composta por onze irmãos, seu pai é pescador e, enquanto ele pesca e vende os peixes, a mãe da personagem principal trabalha com a agricultura. Filôzinha tinha o sonho de ir para o mar e pescar como o seu pai, porém sua mãe não concordava e a obrigava a costurar:

[...] agarrada à velha máquina de costura que avó Rufina lhe tinha oferecido para aprender a fazer de um pano uma saia de godé e um quimono e assim poder um dia viver melhor que sua mãe, mulher de pescador. Mas Filôzinha, sentada em frente da máquina só via o mar, só ouvia o som do mar enquanto os pés pedalavam e então cantava, cantava... (BEJA, 2011, p. 80).

A menina não queria fazer o que a mãe e a avó atribuíram a ela, só pensava no mar e nas canções. Até que um dia ela conhece Timóteo e, a partir deste momento, Filôzinha conquista a felicidade, pois agora seria capaz de vender peixes. Ela teve quatro filhos com Timóteo. Com Argentino, seu segundo homem, teve dois, e com Fernandinho teve mais três. Todos eles se cansaram dela e de suas canções do mar, deixaram para trás a vida que tinham e seguiram em frente.

Enquanto isso, Filôzinha criou seus filhos e todos se espalharam pelo mundo entre “Lisboa, Luanda, Libreville...(todas as cidades começam pela mesma letra da palavra Liberdade, porque será?” (BEJA, 2011, p. 82). A partir deste momento da narrativa, percebemos que Filôzinha escolheu ser feliz com o que tinha, pois durante sua vida o sofrimento era muito presente, assim como a fome. Essas reflexões trazidas pela escritora nos fazem pensar o que era a liberdade para essas pessoas: seria simplesmente abandonar sua casa e sair em busca de um país melhor? Quem residia no arquipélago só pensava em uma coisa: liberdade. Um dos modos dela ser conquistada era por meio da emigração. Muitas pessoas deixavam seus familiares e saíam em busca de qualquer emprego para que pudessem finalmente viver de verdade.

Um ponto muito importante é que os dois arquipélagos (Cabo Verde e São Tomé e Príncipe) foram colonizados por Portugal, sendo possível notar uma semelhança entre as narrativas de Olinda Beja e Fátima Bettencourt. Ambas as autoras apresentam uma mesma perspectiva em suas narrativas sobre as condições em que seus países foram deixados pelos colonizadores. Assim, percebemos que grande parte dos problemas sociais são decorrentes da exploração que houve nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Ainda no conto Filôzinha e a canção do mar

Sempre a mesma solidão na vida das mulheres desta terra. Sempre a mesma exclusão de seus homens que entre uma jura e um suspiro lhe negam o amor. Seus ventres fecundos ficam sem serventia muito cedo, pois depressa se dão conta que seus homens se espojam em ventres mais jovens. Por isso Filôzinha ficou só, amando o mar, mas sem homem. (BEJA, 2011, p. 82).

Vemos aqui a semelhança entre a vida de Filôzinha e de Augusta. Ambas eram jovens, tiveram seus filhos e foram abandonadas por seus supostos namorados. Logo, percebemos a realidade das mulheres das ilhas, que tiveram de fazer tudo sozinhas, Augusta teve um fim trágico por conta da doença, enquanto Filôzinha teve uma vida longa e foi feliz porque escolheu isso.

Por meio de uma breve análise dos contos de Dina Salústio, Vera Duarte, Fátima Bettencourt e Olinda Beja, percebemos a imprescindibilidade de escrever sobre mulheres e contar suas histórias. Ao desenvolver trabalhos e estudos sobre essas mulheres, ressaltamos o quão importantes elas são para a busca de melhores condições femininas, cada uma dentro de seu país. Além disso, a literatura permite que pessoas de qualquer lugar conheçam a realidade de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe. Como leitores podemos dar voz a estas mulheres, lendo seus livros e compreendendo suas lutas.

4. ENTRE SONHOS & DESVARIOS

O livro *Sonhos & Desvários* tem origens em sonhos que se transformam em narrativas. Na obra, há diversas temáticas, mas optamos por escolher para nossa análise aquelas que são narradas e protagonizadas por mulheres. Dessa forma, apresentará temas sociais que as envolvem, porém há muitos outros em que podemos perceber o tom humorístico da autora como os contos “*A cantora careca*” e “*O clube dos homens nus*”, por exemplo.

Por tratarem de sonhos, os contos às vezes parecem confusos e complexos, pois as personagens entram em devaneios e, algumas vezes, têm plena consciência de que estão em um sonho no final da narrativa. Por vezes, esses sonhos são tão lógicos que a própria narradora relata sua surpresa ao desenvolvê-lo em um conto. Alguns chegam a ser metasonhos ao ponto de a preocupação com o tema ser tão grande que a narradora a pensar nisso enquanto dorme. Outros são sonhos como os nossos (leitores), cheios de quebra cabeças e de desvários como o próprio título do livro sugere.

Sonhos e Desvários apresenta alguns retratos da vida ou, como Nelson Rodrigues já nomeou: “a vida como ela é”. Os temas apresentados pela autora são variados: o trabalho infantil, a violência doméstica, a questão de gênero, o racismo, migrações, assaltos e peripécias vividas durante o dia a dia. Dessa forma, os temas abordados pela escritora Fátima Bettencourt refletem alguns dos problemas de Cabo Verde e das situações vivenciadas pelo seu povo. Assim como ela, existem diversas escritoras como as já anteriormente apresentadas Dina Salústio e Vera Duarte, que utilizaram a literatura como forma de expressão das memórias, da cultura e dos enfrentamentos da população cabo-verdiana no pré e pós independência.

Na 14ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Danny Spínola e Corsino Fortes foram convidados a participar do evento “Diálogos Atlânticos: Cabo Verde e Brasil”. O evento ocorrido em Maio de 2014 teve o intuito de debater sobre o lugar da literatura de Cabo Verde no mundo. Vera Duarte afirmou que:

A literatura cabo-verdiana tem alguma visibilidade, sobretudo no mundo, porque é uma literatura escrita essencialmente em português, embora a gente já tenha alguns autores que são traduzidos em outras línguas, por exemplo, em francês e inglês. Os países africanos de língua portuguesa, além do Brasil e Portugal, têm na literatura alguma repercussão, mas devo

dizer também que apesar de não haver ainda um grande movimento de tradução das obras de outros autores cabo-verdianos, muitos outros autores têm seus livros traduzidos em várias línguas. Além disso, o que se mais verifica é a presença e participação de escritores cabo-verdianos em vários países, seja da África, da América, até mesmo de países asiáticos, onde vão falar um pouco da literatura cabo-verdiana e da escrita dos escritores cabo-verdianos. Isso que é essencial para o conhecimento da literatura de Cabo Verde.

Podemos concluir, por meio da intervenção da autora, que a literatura cabo-verdiana precisa de maior conhecimento e visibilidade no mundo, pois há poucas editoras que publicam suas obras. Na maioria das vezes, o que está sendo produzido em Cabo Verde fica no país por não terem grandes editoras que consigam realizar uma distribuição maior. Quase uma década depois, quase nada mudou. Portanto, há muitos motivos para incentivar a leitura, o estudo e a compra de livros de escritoras cabo-verdianas.

Como o nosso objetivo é destacar a importância da escrita feminina, analisaremos a seguir algumas personagens do livro. Dentre os quinze contos presentes, a análise será composta pelas quatro narrativas seguintes: “*Astronauta*”, “*O funeral*”, “*Em trânsito*” e “*A casa de câmbio*”.

O conto *Astronauta* apresenta brevemente a vida de Etelvina Elena da Cruz, chamada carinhosamente pela narradora de Vina. A personagem não conheceu os pais, sua mãe a abandonou com a avó e mudou-se para a Itália. Vina tirava muitas notas ruins na escola, mas era muito criativa, tal como mencionado pela narradora, que era sua professora. Como muitas mulheres em Cabo Verde, foi maltratada por homens e pela vida, adquiriu AIDS, acabou morrendo e deixando uma filha. A narradora descobre toda essa história por meio de sua amiga Ana com quem estava de férias. Ao lembrar da ex-aluna, a narradora recorda o desejo de Vina em se tornar astronauta. Em um sonho acaba descobrindo que a filha, que havia deixado, era surda-muda e escrevia uma redação em aula sobre ter assistido a morte de sua mãe em um desastre de aviação.

No segundo conto do livro, somos apresentados, por meio de uma personagem, a vida que uma menina cabo-verdiana pode ser sujeita a levar. Vina tinha grande dificuldade em aprender a língua portuguesa e por este motivo decidiu parar de estudar, como a própria narradora afirma no trecho: “[...] mas como eu insistisse em que ela continuasse os estudos e avessa a qualquer disciplina, acabou por ir embora [...]” (BETTENCOURT, 2019, p. 24). A personagem teve oportunidades

de seguir os estudos e trabalhar, porém decidiu trilhar seu próprio caminho e infelizmente passou pelas piores experiências que a vida poderia lhe proporcionar.

Os fatos mencionados no conto vivenciados por Vina são algumas das condições a que as mulheres do Cabo-Verde eram submetidas. Ainda que a professora tentasse fazer com que a menina estudasse para que tivesse um futuro melhor, a dificuldade da personagem era tanta que a fez desistir. Dina Salústio em uma entrevista realizada no ano de 1994 com Simone Caputo Gomes (2008, p. 218) afirma que há

[...] a necessidade de publicar as inúmeras histórias de mulheres, histórias de vida que passam por mim. (...) é cá um encontro que é verdade, um momento só (...) para querer mostrar o meu reconhecimento a estas mulheres cabo verdianas que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher (...). As histórias acontecem ao sabor do vôo. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não são intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas (...) Em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher.

Dessa forma, concebemos que todos os percalços vividos por Vina não são incomuns para mulheres cabo-verdianas e não só do país. Vina passou por diversas dificuldades e perseverou até o dia em que a doença a levou. Assim, passou a ter o descanso que merecia depois de tanto sofrimento.

No conto “*O funeral*”. A narradora está caminhando distraída em direção ao busto do poeta José Lopes, perdida em seus pensamentos e problemas derradeiros de uma adolescente: namorar, estudar, ouvir os pais ou os amigos. Ela estava focada mesmo nos estudos, pois seria recompensada com férias nas ilhas do Fogo caso tirasse boas notas. Em meio a tantas dúvidas e devaneios, surge na rua um cortejo fúnebre, porém extremamente insólito, ao invés do féretro, vinha a frente Maria Luísa Belchior, morta. A narradora afirma: “Como percebi ser ela a morta, não sei, mas isso fazia parte das coisas óbvias que não precisam de explicações” (BETTENCOURT, 2011, p. 30).

Ela observa hipnotizada a situação, o vestido azul longo da mulher e o sofrimento do marido de Maria Luísa. Quando entraram no cemitério e fecharam os portões, o grupo de pessoas curiosas ao redor dispersou e a narradora voltou ao seu trajeto. Ao descer a rua encontra uma mulher que era sua conhecida sentada em um degrau, vendendo tabuleiros de doce de leite. A menina revela o que viu à

vendedeira, a senhora acha toda a história contada muito esquisita, pois não percebe nada disso. Por este motivo, a vendedeira decide contar sobre a história da irmã da narradora. Quando pequena previu que sua mãe teria uma segunda criança, como a mulher sabia que não conseguiria ter mais filhos ignorou a menina, porém no mesmo dia encontrou uma criança em um embrulho e acabou adotando-a. No dia seguinte, a vendedeira procura a jovem e conta que dona Luísa morreu de um ataque cardíaco fulminante.

Neste conto, podemos perceber três diferentes padrões sociais: uma menina se preocupava com os estudos e que ganharia como recompensa uma viagem; Luísa, uma mulher rica e generosa, pois ajudava muitas pessoas e morreu repentinamente e a vendedeira, uma senhora que não tinha muitos recursos e que se sustentava por meio dos mais diversos itens que vendia na rua. Estes três perfis femininos desenvolvidos pela escritora nos mostram os lados extremos do que é ser mulher. Uma menina que tem as oportunidades de ter uma boa vida por meio do estudos, uma jovem que se casou com um médico e uma senhora que precisa comercializar tabuleiros de docinho de leite para poder viver.

Como leitores vamos compreendendo estes pontos pelas palavras utilizadas no conto, a narradora expõe “Seria a minha primeira saída de casa, para longe, sem a supervisão materna e eu ansiava por isso” (BETTENCOURT, 2011, p. 30). Podemos perceber que a menina realmente se dedicava aos estudos, pois várias marcas no texto nos comprovam isso, inclusive que sua mãe a obrigava a estudar. Para suas amigas tudo era permitido e para sua mãe era tudo errado, por isso ela estudava, com o intuito de que um dia pudesse se livrar dessas obrigações.

A outra figura feminina, Dona Luísa Belchior, casou-se com um médico e até mesmo em seu enterro suas características denominadas pela narradora são:

[...] quem vinha à frente com um porte de rainha, trajando um vestido azul longo e um véu da mesma cor descendo sobre seu rosto, era a morta: dona Maria Luísa Belchior. [...] Talvez pelo modo como caminhava, senhora absoluta e definitiva do terreno que pisava, talvez pelo modo como os outros a olhavam ou pela distância que a separava dos restantes membros da comitiva, ela envolvida por um enorme vácuo que nada nem ninguém poderia preencher ou transpor. (BETTENCOURT, 2011, p. 30)

Dessa forma, percebe-se a pessoa que Dona Maria Luísa representava, para a menina, uma mulher cheia de si e que até no dia de sua morte chamava a atenção de todas as pessoas. Seu marido, que era médico, estava em péssimas condições e

era amparado por alguns amigos. Outro ponto a ser mencionado, são os grandes portões do cemitério que se abrem sozinhos para a passagem da morta.

Por fim, a vendedeira que tem muitas crenças e que tem uma imagem muito diferente de dona Maria Luísa, pois ela foi por muito tempo empregadora desta senhora e ajudou-a a montar seu trabalho na rua para poder viver. A senhora também acredita em rezas e limpezas, em chás e ervas e através disso auxilia a maioria das pessoas envolvidas no conto. Ou seja, os três perfis são totalmente diferentes um do outro e podem estar no texto com a intenção do leitor distingui-los e compreender quais são as vivências das mulheres.

No conto “*Em trânsito*”, a narradora está no aeroporto de Lisboa, indo para Maputo. Ela estava sem visto para poder permanecer em Portugal, por isso precisaria aguardar no aeroporto até a situação do voo ser resolvida. Para passar o tempo, um homem da agência aérea que era seu conhecido resolveu ajudá-la e levou-a a um shopping. Ela deslocou-se até o local que se encontrava no outro lado de Lisboa, quando chegou, pensou que teria muito tempo ali e por isso poderia comer, ir ao cinema e também ir às compras. Tudo parece bem

[...] até ouvir uma estrepitosa e insistente sirene precisamente no momento em que eu estava na casa de banho. Tratei de sair imediatamente, mas antes de chegar à porta, ouvi do lado de fora um grande barulho de botas e logo murros violentos e vozes mais do que inconfundíveis: “É polícia! Abra! Vamos arrombar essa merda!” Isto dito, veio logo atrás a dita porta que quase me atintia se eu não me esquivasse mais por instinto do que por treino de me defender de portas voadoras com ferozes agentes da polícia antiterrorismo pisando nela e avançando para mim [...] (BETTENCOURT, 2019, p. 67).

Percebemos que o local recebeu uma ameaça de bomba e ela foi confundida com a terrorista. Casualmente, o shopping tinha um primo dela como gerente, ele foi ajudá-la e a situação foi resolvida. A narradora explica sua situação para a polícia, em que ela deveria ter ido direto à África, mas uma escala a deixou em Portugal e deveria esperar pelo próximo voo. Já quase atrasada, a polícia a leva para o aeroporto e em uma mistura de sirene de polícia e de bombeiros acorda em sua casa na Achada de Santo António. Neste conto, a personagem, que é negra, entra clandestinamente em Lisboa, já que não tinha o visto. Tenta de várias formas contato com a embaixada enquanto aguarda no shopping e ainda é confundida com uma terrorista. Indiretamente a narrativa faz críticas sociais sobre o racismo, o fato da narradora ser uma mulher negra, africana e estrangeira em um país europeu.

No trecho “Era óbvio que eu estava numa situação muito complicada e ninguém, provavelmente, me daria sequer a oportunidade de abrir a boca” (BETTENCOURT, 2019, p. 67), pode-se entender o medo da narradora em passar por tal situação e tentar comprovar que na verdade ela era apenas uma escritora. Grada Kilomba em Memórias da Plantação traz que “Nesse sentido, o impacto simultâneo da opressão ‘racial’ e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas.” (KILOMBA, 2019, p. 99). Assim, percebe-se que não somente há influência do gênero na tomada de decisões da polícia ao entrar no banheiro em que a narradora estava e tentar arrombar a porta para tentar prendê-la.

O último conto a ser analisado intitula-se “*A casa de câmbio*”. Nele, a narradora procura uma casa de câmbio e, por indicação, encontra o local em que se passa a narrativa, que lhe parece um pouco suspeito. Ao entrar, vê uma jovem e a descreve como “uma jovem mulata, baixinha, com um piercing no nariz [...] o seu sotaque especial me esclareceu que era da costa africana mais próxima” (BETTENCOURT, 2019, p. 81). Confiou na moça e lhe disse que precisava trocar mil euros. Ela leva a narradora até um gabinete mais íntimo, tem uma conversa rápida com alguém no telefone. Em seguida, um homem, supostamente marido da mulher, chega, eles conversam e ele vai embora. A narradora finaliza a compra e na saída é quase assaltada, consegue escapar jogando areia no rosto do homem e sai correndo, quando chega na rua se depara com uma mulher que a ajuda e explica o golpe do casal.

Eles trabalham na casa de câmbio e são ladrões experientes que se fazem passar por estrangeiros para enganar as pessoas. A narradora acorda e percebe que teve um sonho lógico o suficiente para deixá-la sem reação. Nesse sentido, na narrativa, podemos perceber que a narradora chega ao local e, ao reconhecer a menina como alguém da costa africana, pensa que realmente teria a ajuda que precisava, porém enganou-se com a jovem. O casal aprendeu a se comportar como estrangeiros no próprio país para conseguirem enganar pessoas e assaltá-las.

A polícia também não conseguia prender o casal, pois quando chegavam aos locais em que eles tinham a casa de câmbio, fugiam, trocavam de nome e também de aspecto. No trecho a seguir, percebemos a astúcia e malícia do casal: “Com alguma permanência em países do continente, aprenderam maneirismos, hábitos e

sotaques que os identificavam como estrangeiros, assumindo conforme as conveniências a sua identidade crioula” (BETTENCOURT, 2019, p. 83). A própria narradora destaca que, infelizmente, não soube o motivo pelo qual se passavam por estrangeiros e conta este sonho somente por ele ser um possível acontecimento na vida real.

Ao analisar as quatro narrativas do livro de Fátima Bettencourt, percebemos que todas tratam de problemas sociais que nos deparamos diariamente. As histórias se passam em diferentes locais e sempre há alguma adversidade em relação ao gênero, denúncia contra o racismo e xenofobia vivida pela personagem. Os desvarios encontrados no livro nada mais são do que um modo de pensar o mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que as narrativas estão atreladas a história de Cabo Verde, pois representam experiências de pessoas que vivem lá ou que viveram por um determinado tempo. Grande parte desses indivíduos são mulheres, pois, como vimos anteriormente, elas fizeram parte ativamente do processo de independência do país, mantiveram o legado cultural vivo em suas memórias e, em alguns casos, transformaram-se em escritos. Todas as escritoras aqui citadas utilizam a escrita como uma forma de testemunho, pois as histórias contam a vivência de personagens mulheres e também seus principais destinos.

Em *Sonhos & Desvarios* encontramos um dos propósitos da escrita de Fátima Bettencourt por meio da semelhança com *Semear em pó*. Apesar de terem um ambiente às vezes diferente, a perspectiva segue a mesma: contar histórias de mulheres. Nos contos, encontramos diferentes temas que se interligam por terem perfis femininos como protagonistas. Cada uma com a sua história e a sua vivência, nos mostra como é ser mulher em um mundo patriarcal. Outro ponto importante a ser destacado são as diferentes personagens representadas nessas histórias: mulheres de todas as faixas etárias e condições sociais.

Nosso objetivo com este trabalho não é somente apresentar quais são as escritoras de Cabo Verde, mas levá-las para o meio acadêmico e fazer com que mais pesquisas sejam desenvolvidas a partir de seus livros. Isso tem grande importância literária, pois amplia nossos conhecimentos acerca dos PALOP e também valoriza a escrita de autoria feminina, que não é muito difundida. Com ele, pudemos conhecer ainda mais sobre Fátima Bettencourt, além de estudar diferentes autores especialistas nessa área, ampliando a fortuna crítica da escritora.

6. REFERÊNCIAS

BEJA, Olinda. **Histórias da Gravana**. São Paulo: Escrituras editora, 2011.

BETTENCOURT, Fátima. **Semear em Pó**. Praia: Ministério da Cultura e Comunicação e Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1994.

BETTENCOURT, Fátima. **Sonhos & Desvarios**. Lisboa, Editora Rosa de Porcelana, 2019.

CARVALHO, Damiana Maria de. **LEITURA E REFLEXÃO: A RIQUEZA DOS MICROCONTOS**. Cadernos do CNLF, vol. XX, nº 03 - Minicursos. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016.

DUARTE, Vera. **Desassossegos & Acalantos** - Microcontos. Salvador: Katuka, 2021.

Em entrevista, escritores cabo-verdianos falam sobre sua literatura e laços com o Brasil. Livre Opinião, 2014. Disponível em: [Em entrevista, escritores cabo-verdianos falam sobre sua literatura e os laços com o Brasil | LOID \(livreopinioao.com\)](https://www.livreopinioao.com.br/2014/03/em-entrevista-escritores-cabo-verdianos-falam-sobre-sua-literatura-e-os-laços-com-o-brasil/) Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: Literatura em chão de cultura**. Cotia, São Paulo, Ateliê Editorial, 2008.

GOMES, Simone Caputo. **O arquipélago “literopintado”**: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde. SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 14, n. 127, p. 93-103, 2º sem. 2010.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Cobogó, Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, N. S. R. (2021). **A crônica crioula de Vera Duarte**. *Via Atlântica*, 22(1), 298-325. <https://doi.org/10.11606/va.i39.174535> Acesso em 16 de Julho de 2023.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.

SANTILLI, Maria Aparecida. FLORY, Suely Fadul Villibor. **Literaturas de Língua Portuguesa Marcos e Marcas: Cabo Verde**. São Paulo : Arte & Ciência, 2007.

SEMEDO, M. B. A escrita ficcional cabo-verdiana contemporânea. Em: QUEIROZ, M. (Ed.). **Travessias imaginárias: literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva**. São Paulo: Edições Sesc, 2020. p. 244 a 259.

SILVA, António Correia e. CABO VERDE E A GEOPOLÍTICA DO ATLÂNTICO. In: SANTOS, Maria Emília Madeira. **História Geral de Cabo Verde Volume II**. Lisboa;

Praia: IICT. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga: Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, 1995.

PAZ, Demétrio Alves. **Filhos de Deus ou Cabo Verde revelado pelas vozes femininas de Dina Salústio.** *Revista Conexão Letras*, 2019. <https://doi.org/10.22456/2594-8962.94347> Acesso em 25 de maio de 2023.

PAZ, D. A. **'Mornas eram as noites' ou viagem ao redor de Cabo Verde com Dina Salústio.** Abril – NEPA / UFF, v. 8, n. 16, p. 65-75, 18 jul. 2016. <https://doi.org/10.22409/abriluff.v8i16.29890> Acesso em 25 maio de 2023.

O arquipélago. Governo de Cabo Verde. Disponível em: [História - Governo de Cabo Verde](#) . Acesso em 25 de maio de 2023.